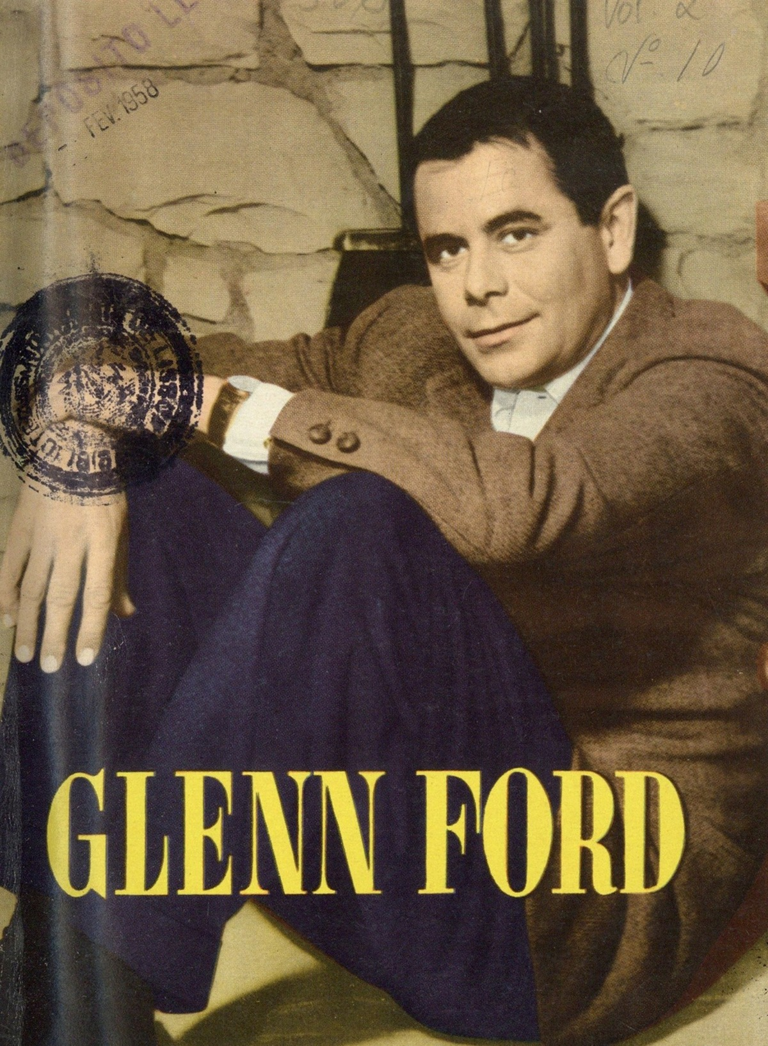

GLENN FORD

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 10.º)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639 / 668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (IRMÃOS), Ltd.ª. Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

UM HOMEM QUE MUITO LUTOU PARA VENCER:

GLENN FORD





NA cidade de Quebec, no Canadá, ao amanhecer do dia 1 de Maio de 1916, nasceu Gwyllyn Samwel Newton, filho de Newton Ford, um dos principais directores de uma companhia de eléctricos, e de Ana, sua esposa.

Nos seus primeiros anos de vida, ao começar a descobrir o mundo que o rodeia, o pequeno Gwyllyn compreende que possui três coisas importantes: a fábrica de seu pai, um grande moinho e um tio, Sir John Mac Donald, antigo primeiro ministro do Canadá. A família do pequeno afirma também que entre os seus ascendentes figurou Martin Van Buren, oitavo presidente dos Estados Unidos da América.

O pequeno sente-se orgulhoso dos seus três tesouros. Não compreende claramente o significado da fábrica, mas avalia-o pelo interesse com que os



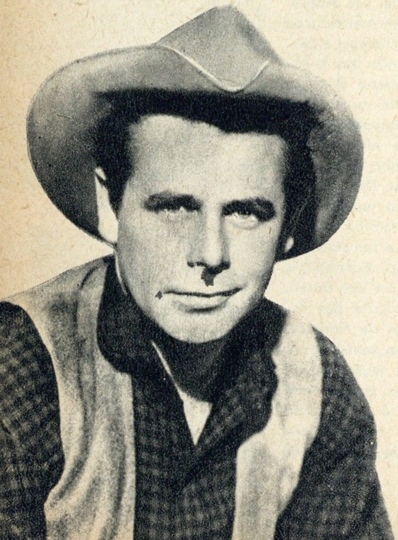


seus pais e irmãos falam acerca da sua actividade. Às vezes, o pai Newton leva-o a visitar a fábrica, e os operários sorriem à sua passagem.

A maior parte do tempo do pequeno Gwyllyn, decorre a contemplar o movimento giratório da roda do moinho e o esforço do homem que fecha e abre, incansàvelmente, os grandes sacos. Uma afectuosa simpatia une a frágil criança ao corpulento moleiro, que sorri abertamente perante as suas enigmáticas perguntas.

— Gostaria de ser mais crescido para te ajudar, Red — exclama Gwyllyn, extasiado com o trigo que o moleiro despeja e que gira sem parar na grande roda movida pelo vento.

— Quando fores maior, o teu pai mandar-te-á estudar. — E fixando os olhos claros do pequeno, concentrados no alto do moinho, pergunta: — Que estás a ver, Gwyllyn?



— Os castelos de sonhos são como o nosso moinho? — interroga a criança por sua vez.

Desconcertado, o corpulento Red tenta explicar e esclarecer o seu admirador:

— Hás-de conhecê-los. Mas, na realidade, são um pouco maiores e mais altos.

— Maiores do que o nosso moinho? — indaga Gwyllyn, com os olhos arregalados de espanto.

— Sim... Mas os castelos são diferentes.

— Hoje direi ao tio John para me mostrar um. Ele tem um álbum de fotografias de quando era ministro. Já as viste, Red?

— Não, menino. Só vejo as rodas do moinho movidas pelo vento.

— Oh! — pasma a criança. — Direi ao tio John para vir mostrar-te o álbum. É muito bonito.

— O teu tio foi um grande ministro — observa o moleiro. — Não lhe digas para vir aqui.

— Ele conta-me muitas histórias de quando era ministro. Quando eu for maior, serei primeiro-ministro como o meu tio John.

O entusiasmo do pequeno diverte Red, que ri a plenos pulmões

— Julguei que o que tu querias era ajudar-me no trabalho do moinho.

— Oh, sim. Serei ministro, mas comprarei um cavalo para vir até aqui. Então, entrarei no moinho e ajudar-te-ei a esvaziar os sacos.

— Não queres desistir de nada, hem? — galhofou o moleiro, sentando-se junto do garoto, enquanto acendia o seu cachimbo.

De facto, o pequeno Gwyllyn não gostava de renunciar aos seus projectos. Cavalos, uniformes, ministros e sacos de farinha, povoavam os seus sonhos, mas o futuro não o atemorizava.

Quando chegou a Hollywood, em 1940, Gleen Ford não conseguiu senão papéis de «extra». Depois, a Fox proporcionou-lhe um papel de relevo no filme «Texas», ao lado da loira Claire Trevor.

AOS SEIS ANOS APRENDEU A CAVALGAR

Ao cumprir o sexto aniversário, os pais de Gwyllyn ofereceram-lhe um «poney». Apesar dos seus verdes anos, o garoto aprendeu a cavalgar hàbilmente. Lançava a montada ao longo do rio São Lourenço e voltava sem qualquer beliscadura.

O marco da infância de Gwyllyn mudou ao completar os oito anos. Os seus pais transferiram-se para as terras cálidas da Califórnia e fixaram residência em Santa Mónica, uma pequena cidade muito próxima de Hollywood, a meca dos actores americanos. Mas Gwyllyn desconhecia Hollywood e o seu significado. Os seus pais decidiram enviá-lo à «Escola Superior». Então, as corridas a cavalo e as brincadeiras na praia, chegaram ao seu termo.

Mas Gwyllyn não ficou desgostoso com a sua nova vida. Em pouco tempo, destacou-se na interpretação de peças escolares. Dois anos mais tarde era o principal organizador das festas do colégio. Agradava-lhe esta actividade, especialmente quando se tratava de preparar obras teatrais para as festas do fim de ano. Não demorou a ser considerado por todos os professores e alunos da grande escola como o primeiro dos actores. Em casa, enquanto os seus pais e os seus irmãos se dedicavam às ocupações habituais, ele lia novelas, ensaiava obras teatrais e preocupava-se na leitura de revistas e jornais que inseriam comentários de teatro.

Aos quinze anos, o jovem Gwyllyn vivia já para duas grandes paixões: o teatro e os desportos.



Os primeiros filmes do novo actor, puseram em foco apenas as suas qualidades físicas. Glenn tornou-se assim o «galã duro» que viria a ser escolhido para esbofetear Rita Hayworth.



Patrícia Medina contracenou ao lado de Glenn Ford em «O Tesouro do Templo», filme de aventuras situado na América do Sul e que contava a história de um pergaminho roubado que levava vários aventureiros a procurar um tesouro oculto nas ruínas de um velho templo. Como sempre, Glenn deu cabo de todos os inimigos...

Pouco a pouco, porém, a carreira de actor sobrepôs-se a todos os outros pensamentos e, aos dezoito anos, quando recebeu o diploma do encerramento do curso, não duvidou, um momento sequer, sobre o caminho a seguir. Custasse o que custasse, seria actor.

Mas o senhor Newton Ford não estava de acordo com os planos do seu filho.

— A carreira de actor não te trará mais que desgostos. A ti e a nós também. Deves continuar os estudos e tirar o curso de engenheiro. Meu filho, sabes que isso é tudo para mim, tudo o que tenho desejado desde que nasceste.

— Mas, pai, não quero ser engenheiro. Lamento ocasionar-te este desgosto, porque não posso deixar de ser actor.

Em face da seriedade e da firmeza do filho, o senhor Newton inquietou-se e o desprezo transpareceu nos seus olhos. A mãe permanecia calada, presa de uma irresistível angústia, porque conhecia os dois homens e o seu carácter autoritário e intransigente.

— Se seguires contra os meus desejos, não contes mais comigo — disse, com voz rouca, o senhor Newton. — Compreende bem que sou o teu pai e que a minha responsabilidade sobre ti obriga-me a proibir-te a carreira de actor. Se a tua decisão é irrevogável, lamento-te. Pela minha parte, proibo-te terminantemente que ingresses numa companhia de amadores. De hoje em diante, acabaram as revistas, os romances e os jornais. Não quero ver-te com outros livros nas mãos senão os de estudo.

— Está bem, meu pai. Lamento, por ti e por mim, que não estejamos de acordo, mas decidirei sòzinho. Espero que um dia compreenderás a minha decisão. Agora, seria absurdo tentar convencer-te. Boa noite — disse, sèriamente, e ao passar junto da sua mãe, saudou-a com um gesto carinhoso, exclamando enquanto procurava dulcificar a sua expressão ante o rosto angustiado da senhora Newton: — Fica descansada, mamã.

Caminhou para o seu quarto. O pai levantou-se e olhou o filho fixamente; apagou a luz da sala de estar, deixando-a ficar apenas iluminada pela claridade que se irradiava através da porta entreaberta do quarto do jovem Gwyllyn.

— Comunicar-me-ás os teus planos? — interrogou o pai, lentamente.

— Sim — respondeu o rapaz com tristeza.

— Espero que reflictas antes de fazê-lo. Boa noite.

Não obstante a despedida, Gwyllyn manteve a porta entreaberta até o seu pai se retirar. Depois, fechou-a, vestiu o pijama e quedou pensativo. Estava decidido a ir para a frente nas suas aspirações artísticas. Se fizesse concessões a seu pai, isso resultaria apenas em atraso para os seus projectos.

Na manhã seguinte, despediu-se da família e partiu para Nova Iorque. Não dispunha de outras possibilidades para ingressar na Escola de Arte Dramática senão recorrendo a um trabalho qualquer.

A cidade dos arranha-céus mostrou-se-lhe difícil e desalentadora. Não encontrando trabalho, vagueava pelas ruas novaiorquinas. Assim, descobriu que as coisas que se desejam não se alcançam sem sacrifícios. Foram dias amargos, em que passou fome e privações. Havia momentos em que o seu ânimo fraquejava. Desesperado, decidiu regressar a casa de seus pais. Mas, no último momento, sem um cêntimo nas algibeiras, descobriu no jornal um anúncio solicitando um criado numa direcção próxima da Avenida em que se encontrava.

— Não deve ser uma fonte de dinheiro — disse para si mesmo — mas é a minha última oportunidade.

O bar tinha um aspecto modesto, e o dono confirmou-o sem rodeios:

Em «Gilda», Glenn Ford surpreendeu toda a gente com uma criação assombrosa no papel de Johnny Farrell. A partir de então, os produtores da Columbia compreenderam que o antigo «extra» podia ser um galã tão popular como os mais brilhantes de Hollywood.



Os papéis de vaqueiro do Texas, porém, voltaram a assediá-lo. Assim, interpretou para a Columbia «Oiro Maldito», ao lado de Ida Lupino. O tema deste filme, tal como «O Tesouro do Templo», narrava a luta por um tesouro lendário, desta vez nas paisagens do Arizona...



— Bem, rapaz, estás a ver que é um bar de pouca categoria, mas os meus clientes são para mim tão bons como os do Waldorf Astória. Dou-te o emprego com a condição de que te mexas e trabalhes com entusiasmo. Se assim fizeres, será bom para ti.

Para que o dono do bar ficasse satisfeito, Gwyllyn tinha de trabalhar incansàvelmente de manhã até à noite, lavando pratos, esfregando as montras, servindo os clientes com rapidez. Quando o novo dia despontava, já ele estava a pé. O trabalho endureceu-o, ensinando-lhe a pensar com sensatez. Às vezes, quando o sono lhe custava a aparecer, recordava as conversas sustentadas com seu pai, os seus desejos de triunfar. Compreendeu que o caminho que aspirava percorrer estava cheio de dificuldades e desprovido de estímulos.

O dono do bar não ficou demasiadamente surpreendido quando, uma manhã, o viu aparecer com os seus gestos peculiares de homem taciturno, anunciando-lhe que não desejava trabalhar mais ali.

— Lamento, rapaz. Agradava-me a tua maneira de trabalhar,

mas já sabia também que não permanecerias aqui durante muito tempo. Não nasceste para isto, e este emprego de nada te servia.

— Não pense assim, Sam. Foi bastante útil para mim passar pelo seu estabelecimento. Tinha muitas ilusões e agora sei melhor o que valem as coisas e o que custa ganhar um dolar.

— Para onde pensas ir?

— Para Chicago. Os meus planos não são possíveis em Nova Iorque. Gostaria de ter estudado arte dramática, mas o tempo mal me chegou para atender os clientes. Agora, tenho que encarar a minha carreira sob outro ângulo.

— Não creio ser a melhor pessoa para te aconselhar, mas acredito nas tuas possibilidades de triunfar. Tens dois caminhos: estudar e trabalhar. Se não pudeste ingressar numa escola de Arte Dramática, porque não procuras emprego numa companhia teatral? Assim, poderás realizar as tuas aspirações, não é verdade?

— Sim, essa é a minha ideia. Se não a tivesse, ver-me-ia obrigado a regressar a casa de meus pais — respondeu Gwyllyn com um sorriso amargo.

★

Em Chicago, obteve trabalho na secção de vendas de um grande armazém. Nas horas vagas, começou a frequentar os lugares frequentados assìduamente pela gente dos teatros. Conheceu, assim, os segredos dos bastidores e também a vida miserável da maior parte dos artistas. Foi como se todas as suas ilusões ruíssem



Glenn envergou novamente em «Mensagem dos Renegados» o chapéu de abas largas dos vaqueiros do Texas. Embora os papéis que lhe distribuíam não melhorassem, o seu «cachet» de actor continuou a subir. A Paramount pediu-o emprestado à Columbia e deu-lhe como «partenaire» uma das mais belas mulheres de Hollywood: Rhonda Fleming.

com fragor, derrubando os anseios mais íntimos da sua alma. Aquela vida não era como ele a imaginara. Que valia lutar, se tudo continuaria depois na mesma situação? Eram muitos os que tinham vocação e muito poucos os afortunados, os que alcançavam plenamente o êxito.

Não obstante, decidiu ir para a frente. Em 1935, alcançou um lugar numa companhia de profissionais. Tinha uma recomendação para o produtor teatral Herman Schumlin, que lhe deu um pequeno papel na peça «The Childrens Hour», com o qual esteve longe de alcançar um êxito, devido à sua natural inexperiência. Transferiu-se para outra companhia de Santa Bárbara, na qual adquiriu a suficiente experiência e o à-vontade que lhe faltava para converter-se num bom actor. Mais tarde, demonstrou as suas reais possibilidades na companhia do actor Francis Lederer, na peça «Golden Boy», chamando a atenção dos «descobridores» de Hollywood. Assim, chegou o momento de partir, tão ansiosamente esperado. Nos estúdios, o aspecto modesto e tímido do aspirante a actor desconcertou os seus «descobridores», que decidiram submetê-lo a um teste de observação, nos estúdios da Fox. Mandaram-no esperar.

Gwyllyn Newton não ficou satisfeito com o rumo que os acontecimentos tomavam. Não era chamado a trabalhar em qualquer filme, nem tão pouco lhe prometiam um desenlace optimista para a sua situação. Decidiu, assim, voltar outra vez para o teatro.

Nos palcos da Broadway acabou por se definir como um verdadeiro actor. Já não era um estreante. As suas actuações em digressão por outras cidades assinalaram-se por contínuos triunfos.

Entre as mudança das peças, Gwyllyn passa alguns dias em Nova Iorque. Sente-se sòzinho e algo deprimido. Recorda a sua primeira viagem à cidade. Não sabe como passar o tempo. Finalmente, os seus olhos detêm-se ante uns letreiros cinti-



O contrato da Metro libertou Glenn, finalmente, dos papéis sempre iguais a que o obrigavam as fitas do Oeste. Contudo, o prato forte das interpretações do marido de Eleanor Parker não deixou de ser, ainda por muitas razões, a acção e a violência. Em «A Bomba Relógio», a sua parceira foi a francesa Anne Vernon.



Curtis Bernhardt, o realizador que descobriu as verdadeiras possibilidades de Glenn Ford, confiou-lhe um papel com características diferentes da rotina a que se habituara. «A grande profissão» mostrou-nos, assim, o vaqueiro brutal e violento transformado num médico humano e compassivo. As «vedetas» que emparceiraram com Glenn não ficaram devendo nada às anteriores colegas do actor: chamavam-se Janet Leigh e Glória de Haven...

lantes de luzes verdes e vermelhas de um famoso teatro de revistas, que anuncia: «ELEANOR POWELL NA PEÇA «AL HOME ABROAD».

Compra um bilhete para a quinta fila. O espectáculo começara justamente nesse momento. A música subia de tom. O trompete e a bateria entram em delírio, chamando a si toda a atenção dos espectadores, que ficam subjugados pelo ritmo dos solistas.

O pano abre-se. Ao centro do cenário, destaca-se um grande disco iluminado e, de repente, como uma estátua de carne, surge uma esplêndida mulher vestida de negro. Os espectadores olham fascinados para a figura esbelta, de cabelos loiros e compridos, de boca grande e bem desenhada, que sorri mostrando uns dentes branquíssimos. Eleanor Powell começa a deslizar pelo palco, marcando com seus passos o ritmo trepidante da música.

Gwyllyn vive os momentos de mais intensa admiração da sua vida, enquanto a bailarina se anima à medida que a música cresce de tom. É uma dança optimista, cheia de vitalidade. Eleanor assemelha-se a uma chama viva e irrequieta. Por momentos, a música fica em silêncio e apenas se ouve o ritmo alegre e ligeiro marcado pelo matraquear dos pés da bailarina. Por fim, a música surge de novo, agora num tom fortíssimo, e o corpo da bailarina rodopia num ritmo alucinante.

O público aplaude com delirante entusiasmo. Gwyllyn bate palmas quase com fúria. Está fascinado pelo entusiasmo da bailarina, pelo seu sorriso franco, pelo seu cálido olhar.

No intervalo, o jovem encontra um

amigo, que exerce a profissão de agente de seguros.

— Que te parece Eleanor Parker? — pergunta o amigo.

— Uma obra de arte com movimentos vertiginosos — responde Gwyllyn com entusiasmo. — É a mais espantosa bailarina que vi até hoje.

— E uma mulher maravilhosa — conclui o amigo, com ar malicioso.

— Gostaria de conhecê-la. Nunca vi ninguém que me entusiasmasse tanto.

— É a sensação de Nova Iorque, Gwyllyn.

— É doloroso ter de partir amanhã. Voltaria outra vez para vê-la. Parece uma chama de fogo que surgisse do mar.

— Posso apresentar-ta, se tens tanto interesse em conhecê-la — insinua o amigo.

— Oh! — exclama Gwyllyn rubro de entusiasmo. — Agora mesmo, Ted.

— Bem! Segue-me!

Atravessam os corredores, cruzando-se com as coristas da companhia. Ted dirige-se a uma porta que tem o nome da bailarina num marco em forma de estrela: «Eleanor Parker». De repente pára, sem esboçar o menor gesto para bater à porta.

— Conheces Eleanor há muito tempo? — pergunta Gwyllyn com impaciência.

— Nunca falei com ela, mas como te vi tão entusiasmado...



A guerra dos americanos contra o México, deu lugar a um filme intitulado «Invasores», com nítidas características dos filmes do Oeste, no qual Glenn viveu a odisseia de um homem a quem alcunhavam de cobarde. A seu lado trabalhou Júlia Adams.

— Então, creio que o melhor será saíres daí. Esperar à porta, sei fazê-lo sòzinho — observou o jovem actor com um sorriso nos lábios.

— Boa sorte, Newton! A vitória pertence aos destemidos — disse Ted, despedindo-se.

O corredor ficou em silêncio durante alguns momentos. Ted tinha desaparecido. Glenn espera pacientemente a saída da bailarina. Vinda do palco, chega aos ouvidos do jovem actor a melodia de um «fox» lento, que estava em moda naquele ano de 1940. O espectáculo devia ter começado outra vez. Atrás da porta, uma voz de mulher trauteava a música.



Outra vez ainda, a história do Oeste americano chamou-o a desempenhar o papel de um oficial da primeira guerra civil, em «Homens violentos». Apesar de contracenar com Bárbara Stanwick e com o grande actor Edward G. Robinson, Glenn Ford não saiu diminuído da experiência a que o submeteram. Ei-lo numa cena do filme, com a nóvel actriz May Wynn.

Decorrem alguns minutos. No palco, a orquestra toca sucessivamente três músicas diferentes. Finalmente, a porta do camarim abre-se, e no limiar surge a figura já conhecida de Eleanor, que enverga um elegante vestido de cor esverdeada.

— Olá! — exclama ele, ao perceber a surpresa da bailarina.

— Olá! — volve ela, com um sorriso divertido perante o rosto e os gestos tímidos do seu jovem admirador.

— A sua actuação foi magnífica. Não pude deixar de vir dizer quanto a apreciei.

— Obrigado. Agora tenho de entrar outra vez em cena.

— Não tem dois minutos, sequer, para conversar? Gostaria de a conhecer melhor...

— Bem, já o conseguiu — respondeu ela, esboçando um gesto para seguir em frente.

— Espere! — clamou ele, impulsivamente.

Eleanor detém-se, olhando o seu admirador com curiosidade: é um homem bastante novo, que lhe parece algo assustado. Contudo, o seu sorriso irradia simpatia a rodos. Após um silêncio, que ela não se atreve a interromper, ele exclama:

— Por favor, posso esperá-la à saída do espectáculo? Admiro a sua maneira de dançar. Eu também sou actor. Amanhã tenho que partir para Nova Iorque. O meu nome é Gwyllyn Newton.

E, estendendo a mão ao mesmo tempo que sorri, pergunta:

— Amigos?

— Amigos! — responde ela, retribuindo o sorriso. — E agora vou entrar em cena. Voltaremos a ver-nos num futuro próximo.

Acompanha a bailarina até ao palco, e dirige-se depois para o seu lugar na plateia. Os olhos interrogadores de Ted perscrutam o semblante de Gwyllyn desde a segunda fila. O actor senta-se satisfeito.

— É maravilhosa, Ted! — exclama ele ao terminar «Al Home Aroad».

— Voltarás a vê-la?

— Algum dia.

— Felicito-te. Tens sorte com as mulheres.



Quando Rita Hayworth regressou a Hollywood após o seu divórcio com o príncipe Ali Khan, a Columbia escolheu Glenn Ford para interpretar «Calypso, a feiticeira». O sucesso voltou a bafejar pròdigamente o famoso par de «Gilda» e «Os amores de Carmen».

O AMOR E A PROFISSÃO

Os meses sucedem-se. Gwyllyn segue a digressão artística da sua companhia. Num intervalo de trabalho, lê uma revista e, de súbito, aparece outra vez ante os seus olhos a imagem retratada da inolvidável bailarina: «Eleanor Powell numa cena do filme que roda actualmente e que promete ser um dos seus maiores triunfos».



Recorda, com saudade, a sua fugaz amiga: a sua silhueta esbelta, as suas pernas perfeitamente desenhadas.

Sorri com nostalgia sem afastar a vista da fotografia e evoca de novo aquela noite em que a conheceu. Agora Eleanor não trabalha no teatro, mas no mundo da celuloide, nessa cidade fantástica que se chama Hollywood.

Gwyllyn desejaria chegar até junto dela, conhecê-la profundamente, mas o caminho é difícil.

Que fazer?

Trabalhar em Hollywood era o grande sonho que ele acalentava desde que deixara a casa dos pais. Mas já ali estivera uma vez e tinha fracassado.

Com a sua humilde bagagem de actor dramático, Gwyllyn parte mais uma vez para Hollywood. Nem ele próprio sabe o que deseja do cinema, nem se está em condições de dar ao cinema o que o cinema lhe pedir.

Ao chegar aos estúdios preenche novamente uma ficha e submetem-no a perguntas. Estudam-no atentamente, pouco convencidos das possibilidades físicas do rapaz. Acham-no algo desconcertante, com o seu olhar juvenil, o nariz pequeno, os lábios firmes e o aspecto severo.



Pouco antes de ser premiada pela Academia Americana, Glória Grahame trabalhou ao lado de Glenn Ford em dois filmes consecutivos, «Corrupção» e «Desejo Humano», ambos dirigidos pelo mestre do «suspense» Fritz Lang. A carreira de Glenn como actor dramático começou decisivamente com estes filmes, que lhe grangearam um surto de popularidade dos mais elevados na sua carreira.

— Você não tem beleza, rapaz — sentencia um produtor da Columbia.

— Tem tipo de atleta — afirma outro dos examinadores.

— Creio que enquanto não for submetido aos «testes», nada poderemos resolver. Não é assim? — pergunta o actor, entre tímido e mal-humorado.

Submetem-no aos «testes» e decidem que deve mudar de nome. A escolha cabe ao próprio actor. Ao fim de poucos minutos, ele toma uma decisão: chamar-se-á Glenn Ford, em homenagem à cidade onde seu pai era abastado dono de moinhos: Glenford.

Desta forma, continuará a usar as suas iniciais e o seu verdadeiro nome de família. O seu primeiro filme intitula-se «Heaven With a Barbed Wire Fence». A Fox contrata-o como «extra», mas pouco depois proporciona-lhe um papel de relevo no filme «Texas», ao lado de Claire Trevor, em que se revela como galã de grandes possibilidades.

Glenn firma contrato com a Columbia e sente-se mais seguro do seu trabalho ao ver mais perto de si a realização dos seus projectos artísticos.

Apesar de Eleanor permanecer em Hollywood, Glenn não tem oportunidade para voltar a encontrá-la.

Ao atravessar uma rua, encontra o seu melhor amigo nos estúdios, Pat O'Brien, com quem vai trabalhar no filme «Flight Lientenant».

— Glenn, vamos dar uma volta. Quero falar contigo.

— De que se trata?

— Agora já tens em teu poder esse contrato que tanto desejavas. Não pensaste ainda em encetar uma nova vida?



Os papéis de «cow-boy», entretanto, passaram a ser cada vez mais raros... Para Glenn mudar de clima, «O americano» foi filmado nas selvas virgens de Mato Grosso, no Brasil.



«O resgate» reuniu Glenn Ford ao lado de Donna Reed, numa história profundamente dramática, baseada nos raptos que assolam os lares de muitos pais americanos.



Antes de «Sementes de Violência», exibiu-se entre nós um filme que obteve um êxito particularmente estrondoso: «Melodia Interrompida». Durante a sua permanência de cinco semanas no «Império», o nome de Glenn Ford mereceu as mais vivas exclamações de admiração e aplauso.

— A que classe de vida te referes, Pat? — pergunta ele, sorridente.

— A vida do casamento. Tens que te casar.

— Ah! Devia calcular o alcance da tua pergunta. Quando é que deixas de ser uma fábrica de matrimónios?

— Quando conseguir que te cases.

— Não compreendo o teu interesse. Queres perder-me de vista dessa maneira?

— Quero vêr-te feliz. Tu não és um homem a quem agradem as festas e os «flirts». És um homem sério, o tipo ideal das raparigas casadoiras.

— Mas não encontrei ainda essa rapariga casadoira que seja o ideal de um homem sério.

— Ah! Não te preocupes — disse O'Brien ràpidamente. — Vou encontrá-la imediatamente. Medidas? Altura? Cor dos olhos? Loira ou morena?

— Basta, Pat. Não te embales dessa forma — responde Glenn. — Quem está para casar sou eu, não é assim?

— Mas é possível que não tenhas encontrado ainda a mulher ideal?

— Em parte... — responde ele com voz baixa.

— Está próxima a outra parte?

— Queres saber demasiado, Pat.

— Somos amigos, não somos? Vamos, Glewn, conta-me tudo.

— Está bem! Agradam-me as mulheres altas, magras, loiras, de olhos claros, boca grande e que sejam bailarinas.

— Tomo nota mentalmente dos teus

gostos. Não me será difícil arranjar-te casamento. Basta-me ir a uma festa.

— Muito engenhoso. Deves julgar que tenho dezoito anos — comenta Glenn mal-humorado.

— Vamos, homem, não te aborreças. Nasceste para te casar, e estás perdendo tempo.

— Vou deixar-te, Pat. Podes continuar o teu passeio. Não quero que me convenças.

— Algum papel?

— Sim, grande, curioso: um papel inventado por mim. Quero estudar um pouco. — E, maliciosamente, acrescentou: — Estudar a mulher da tua vida. Até amanhã!

FINALMENTE: O ÊXITO!

Começaram as filmagens de «Flight Lientenant». Glenn Ford dedicou-se com entusiasmo ao seu papel, e a conversa com Pat O'Brien parecia esquecida.

Tinha decorrido uma semana. Glenn estava sentado, num intervalo das filmagens, conversando com o operador sobre pesca desportiva, e punha nas suas palavras toda a paixão de um verdadeiro pescador. O'Brien aproximou-se e, interrompendo a conversa do seu amigo, disse:

— Tenho o que tu precisas. Vai jantar no domingo a minha casa.

Afastou-se ràpidamente, antes que Glenn, preso de espanto, pudesse compreender o significado daquelas palavras. A voz do operador fê-lo voltar à realidade.



O êxito de «Sementes da Violência» deve muito à interpretação de Glenn Ford. Poucos actores americanos podiam ter desempenhado, com igual brilho, um papel tão difícil como o do jovem professor que luta tenazmente contra o ambiente de vício e corrupção que alastrava no seu colégio. No papel de esposa do professor, Anne Francis teve uma actuação de excelente nível.



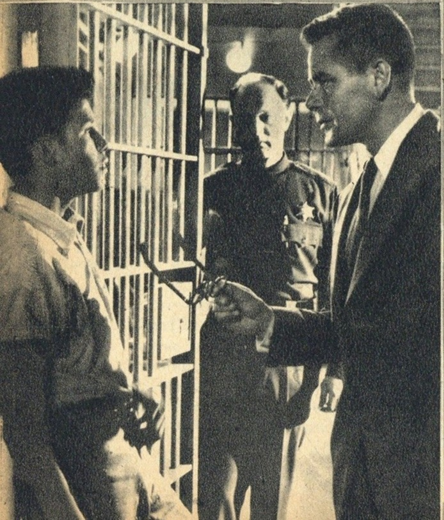


À ESQUERDA: Outro filme do Oeste! Mas entre este «A vida e a morte» e as primeiras «cow-boyadas» de Glenn Ford há uma distância considerável. O par romântico do filme, encarnado por Jeanne Crain e Glenn Ford, actuou à altura das exigências de uma história magnífica.

À DIREITA: «A Casa de Chá do Luar de Agosto», um dos mais recentes filmes de Glenn Ford, mostra-o no papel de um sargento americano que descobre, de surpresa em surpresa, os estranhos costumes do mundo oriental. Intervêm também nesta comédia Marlon Brando e a actriz japonesa Machiko Kyo.

EM BAIXO: «Jubal» deu-nos Glenn Ford numa espantosa criação rude e violenta como o próprio conflito do filme, que narra a história de três homens obcecados por um amor ilícito. Nesta cena, vemo-lo com a prometedora Felicia Farr.







À ESQUERDA: Uma cena de «A fúria dos justos», que abordava um problema realista com o tom de crueza que Glenn Ford já imprimira a «Sementes de Violência».

À DIREITA: Eis Glenn Ford e Jack Lemmon, tal como aparecem no novo filme, «Cow-Boy». Esta é a 50.ª produção do grande actor, pertencente à infindável série do Oeste.





Na sua casa, um rancho em San Fernando Valley, Glenn tem uma cavalariça com quatro puros-sangue. O seu prazer favorito é uma boa galopeada pelos campos. Eis um dos motivos por que ele gosta tanto de actuar em filmes de «cow-boys».

— Vamos ali, Ford. Há umas trutas saborosíssimas.

— Ah, sim! Seguirei o seu conselho — respondeu, ainda distraído.

— Quer um conselho, Ford? Não se case. Continui como até agora. Os seus passeios com Evelyn Ankers e com Patti, a secretária de Dorothy Lamour, são mais divertidos.

Glenn Ford sorriu e disse confidencialmente:

— Eu penso assim, mas não há forma de convencer O'Brien de que estou contente com a minha situação de celibatário. Ele quer ver-me enforcado.

★

Na festa organizada por O'Brien, estavam reunidas cinco das mais íntimas amigas do actor. Glenn, quando chegou, observou-as atentamente. Nenhuma das raparigas lhe suscita qualquer interesse.

— Não se impaciente, homem das cavernas. A sua pombinha ainda não chegou. Tudo o que é bom demora — disse-lhe Pat O'Brien.

Eleanor Powell demorou ainda meia hora a chegar. Trazia um vestido maravilhoso, que realçava ainda mais a sua figura esbelta. Glenn divisou-a à entrada da porta e foi ao encontro dela. Afinal, Pat tinha razão: Eleanor era a mulher que ele necessitava. Notava, porém, que ela havia perdido a alegria, aquele fogo que imprimia às suas danças. Agora, o seu olhar era mais triste. Talvez estivesse fatigada.

— Olá, Ellie! Estás tão deliciosa como na noite em que te conheci.

A refeição decorreu animadamente. Glenn esteve a conversar continuamente com Eleanor, sem prestar a menor atenção às outras convidadas.

Quando acabaram de comer, puseram discos no «pick-up» para animar o ambiente.

— Receio ser fraco bailarino para dançar contigo. Vamos tentar?

Dançaram durante toda a noite, sem que sentissem a menor necessidade de mudar de par. A Glenn, como na primeira ocasião em que a encontrara, parecia ainda um sonho tê-la tão perto de si, roçando a sua face pelo cabelo da bailarina. Por vezes, afastava-a um pouco e contemplava-a embevecido. O salão, de proporções modestas, atapetado com um vermelho vivo, tinha uma pequena sala contígua, separada por um arco esmaltado de branco. No seu interior destacavam-se vários quadros de pintores impressionistas franceses e uma grande coluna branca com um jarro de flores. O par continuou a bailar na pequena sala, onde a música chegava em tom abafado.

— Ellie, estava escrito no livro da minha vida que tu e eu nos conheceríamos. Não aconteceu em Nova Iorque, mas sim esta noite. Não poderemos separar-nos, não é verdade? — interrogou Glenn.

Ela não respondeu. Sorriu e voltou ao salão. Ele seguiu-a.

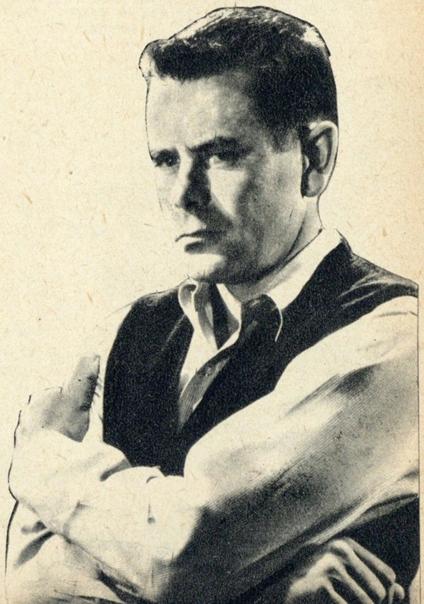
— Custou-me muito encontrar-te de novo — disse Glenn. — Espero que agora não me fugirás.

— Claro que não, pelo menos se não surgir um novo impedimento intransponível — respondeu ela.

No dia seguinte, Glenn foi a casa de Elleanor. Ela era uma rapariga séria, que vivia na companhia de sua mãe. Ele acendeu o seu cachimbo e passaram a tarde a ouvir discos. Foi uma tarde agradável.

Começaram a sair juntos com frequência. Hollywood não tardou a lançar os seus comentários acerca do novo par, que dir-se-ia tão compenetrado dos seus sentimentos como se o seu encontro de duas horas tivesse durado uma eternidade.

— Ellie — disse ele uma manhã em que tinha ido buscá-la a casa para comerem juntos. — Sabes uma coisa? Acho-te mudada. Quando te conheci eras uma pessoa segura de ti mesmo, alegre, sem preocupações. Agora, à medida em que falo contigo, observo algo novo: como se estivesses decepcionada por qualquer coisa.



Glenn Ford tem sido acusado frequentemente de ser um homem taciturno. Trata-se, porém, mais de uma característica dos papéis que representa no «écran» do que uma tendência do seu espírito.

— Que pretendes dizer, Glenn? — perguntou ela, sentando-se no carro junto dele.

— Pareces cansada, e uma sombra quase imperceptível vela os teus olhos. É melancolia? Tens preocupações, Ellie? Gostaria que compreendesses que sou teu amigo sinceramente.

— És bastante sensível, Glenn. A minha vida reduz-se a oito horas de ensaio diárias e não me permite demasiada alegria, nem festas, nem loucuras. Desde os 15 anos é esta a minha vida: bailar.

— Compreendo. Precisamente em Nova Iorque, vi logo em ti algo mais que uma bailarina: era a tua energia, a tua vitalidade. Sou um homem sério e um tanto taciturno e admirava o contraste do teu carácter. À medida que falo contigo, experimento a sensação de ter que te proteger e te animar. Tenho a impressão de que atravessas uma situação que não é normal, mas que passará depressa, não é verdade?

— Sim, Glenn. Também creio que passará.

O carro parou em frente de um modesto restaurante. Enquanto esperavam o menú, Glenn disse à sua companheira:

— Ellie: sabes montar a cavalo?

— Não. Em compensação, tu és um bom cavaleiro. Há dias, vi filmar uma cena em que corrias a cavalo. Deve ser estupendo, não é?

— Sim, e acho que precisas de aprender. Sentir-te-ás melhor se cavalgares uma hora. Vou ensinar-te a montar, queres?

— Magnífico, Glenn.

O fotógrafo indiscreto apanhou Bárbara Stanwyck e Glenn Ford na hora do «rancho», quando filmavam, em Lane Pine, os exteriores de «Homens Violentos». E há quem imagine que os artistas têm empregados que lhes levam o comer à boca...



Ele sorriu, entusiasmado. Por um momento, os olhos de Ellie, ao soltar a exclamação, tinham brilhado com o fogo e a vitalidade da noite de Nova Iorque quando interpretava «Al Home Abroad».

Começaram as lições de equitação e a amizade entre ambos tornou-se mais firme. Eleanor era uma discípula aplicada. A pouco e pouco, readquiriu a alegria e o optimismo de outros tempos. Entretanto, Glenn continuava preocupado com o seu trabalho.

— As coisas não saem como eu gostaria, Ellie — disse ele, uma manhã em que tinham saído para montar a cavalo.

Estavam sentados sobre a relva do prado e os cavalos bebiam água num riacho que corria perto. A cidade ficava longe, ao fundo da colina, envolta pelo nevoeiro da manhã.

— Deves ser prudente.

— Sim, Ellie, sou-o, mas é difícil, sabes? Já participei em sete filmes e em nenhum alcancei o êxito retumbante.

— Mas o teu contrato com a Columbia é por 15 anos, e durante esse tempo podem suceder muitas coisas. Fizeste sete filmes em dois anos. Não podes queixar-te.

Fez-se um silêncio. Glenn estava absorvido pelos seus pensamentos. Os cavalos mordiscavam caprichosamente as ervas do prado.

— Ellie, tu confias em mim como actor? — perguntou repentinamente.

— Sim, Glenn, confio no teu talento e estou convicta de que Hollywood acabará por reconhecer as tuas possibilidades.

— Obrigado, querida. Necessitava de ouvir alguém que acreditasse em mim. Até agora o meu trabalho tem consistido apenas em papéis secundários, sem personalidade nem interesse.

Os cavalos mostravam-se impacientes. Glenn volveu a sua atenção para eles.

— Regressemos, Ellie. Já é um pouco tarde, e às dez e meia ambos temos trabalho.



Todo o homem tem as suas inclinações próprias fora da sua profissão. Glenn Ford não foge à regra. Ei-lo num momento em que experimentava as suas habilidades como cineasta amador.

Durante o caminho permaneceram calados. Eleanor, contudo, tinha algo para dizer ao seu companheiro.

— Glenn, és muito amigo de Claire Trevor?

— Porque me perguntas isso?

— Este é o terceiro filme em que trabalham juntos. Primeiro, «Texas», depois «O barço da morte» e, agora, «Os desesperados» — explicou ela.

— Pois sim, somos amigos — respondeu ele, sorrindo.

— Como tu e eu? — insistiu ela.

— A Claire, não ensino a montar a cavalo, nem vamos juntos à praia, nem vou buscá-la para comermos juntos. No resto, sim, somos amigos como tu e eu. Ah! Com ela não penso casar-me e contigo sim.

Ela riu, satisfeita com a resposta, e lançou o cavalo a trote. Glenn teve que imitá-la.

— Não vás tão depressa, Ellie! Não te esqueças que sou o professor! — gritou ele, divertido.

— Não o esqueço. Já sei que és o meu professor, um homem sério e autoritário. Mas não me importa. Agrada-me que sejas um homem sério e autoritário, às vezes taciturno, mas que sorri como as crianças. Um homem que evoca em mim as coisas saborosas e sãs: as maçãs vermelhas, os cavalos firmes, a cerveja fresca numa estalagem da montanha e a leitura de uma novela junto à lareira... — explicou ela com voz tranquila.

O homem sério e taciturno parou a montada. Eleanor imitou-o. Glenn inclinou-se para ela.

— Ellie — começou ele com seriedade — eu não sou rico. O meu pai morreu há dois anos e tenho que sustentar a minha mãe. Tu tens um bom contrato. Por agora, não devo falar-te em casamento, mas peço-te que tenhas paciência, querida. Entre nós, as coisas podem ser maravilhosas.

— Sim, assim o espero. Sabes que estou enamorada de ti, Glenn.

De novo retomaram a marcha. O sol iluminava a cidade. Hollywood, à medida que avançavam, assemelhava-se a gigantescos estúdios envoltos por uma só câmara.

★

A 13 de Dezembro de 1942, Glenn foi mobilizado e deixou o cinema para vestir o uniforme da Marinha norte-americana. Ellie, a sua noiva, despediu-se do novo soldado tão sorridente quanto possível, e enquanto o barco avançava pelo mar adentro, Glenn contemplava a sua esbelta figura, que diminuía cada vez mais.

A guerra não foi um jogo de poucos dias. O cinema podia esperar, mas a ausência de Ellie tornava-se, por vezes, insuportável.

Decidiu casar-se logo que obteve a primeira licença. E assim fez. A 23 de Outubro de 1943, em Beverly Hills, Pat O'Brien foi o primeiro a felicitar os recém-casados.

— As minhas felicitações, meus amigos. Realizaram os meus desejos — disse ele com um largo sorriso.

— Lamentamos ter-te feito esperar tanto, Pat. O nosso desejo também foi casarmo-nos logo ao princípio. Não é verdade, Ellie? Mas a Marinha não compreende o amor.

— Foi uma cerimónia emocionante — disse um médico amigo íntimo de Ford.

— Uma cerimónia de guerra — explicou outro amigo, advogado e bom jogador de «poker». — Com tudo o que isso significa de dramático e de sentimental.

Ao terminar a licença, transladaram-se para San Diego, onde Glenn estava aquartelado. Ali viveram dezoito meses. Era uma casa pequena e simpática. Ellie tinha tempo para abandonar o aspirador e ensaiar alguns passos de bailado.

Mais tarde, porém, teve que se entregar a uma vida mais calma, sem preocupa-



EM CIMA:

Quando se casou com Glenn Ford, Eleanor Powell renunciou a um contrato de 40.000 dólares para dançar, durante 3 semanas, no «Music-Hall» de Nova-Iorque. Ela declara hoje que nunca se arrependeu da decisão que tomou. «Gostamos tão apaixonadamente um do outro, que até parecemos recém-casados». Com efeito, nada há que se possa assemelhar à felicidade de um casal unido por um amor sincero.



A DIREITA:

Peter, o filho único de Glenn, tem feições extraordinàriamente parecidas com as do pai. Como esta foto documenta, eles são, além de bons amigos e companheiros, dois apaixonados «lambrettistas»...

ções artísticas. Aproximava-se o nascimento do pequeno Peter Newton Ford e Ellie não pensava senão nos seus cuidados maternais. Enquanto o marido lia diversos livros sobre psicologia infantil, ela preparava os biberões para a criança.

A 5 de Fevereiro de 1945, Glenn foi desmobilizado. Pouco depois, nasceu Peter.

Regressaram a Hollywood. Eleanor Powell pôs de parte as suas sapatilhas de baile e Glenn preparou-se para o seu regresso aos estúdios.

— Agora temos um filho, Ellie. As coisas modificaram-se. Já não posso ir para os estúdios com o conformismo de antes. Tenho que ambicionar a glória para ti e para Peter. Quero para o nosso filho a segurança que lhe pode dar uma conta no Banco e uma casa própra em que possa jogar, montar a cavalo e transformar-se num atleta.

Quando Glenn recomeça o trabalho nos estúdos, os amigos acham-no diferente, pasmados com o entusiasmo com que ele se entrega de corpo e alma a cada cena de filme.

— Vais fazer um papel especial ao lado de uma ruiva de sensação — anuncia-lhe um produtor da Columbia.

— Conheço-a?

— Não creio. Chama-se Rita Hayworth. O teu papel é o de um homem duro. Farás uso dessa célebre autoridade viril de que tanto se fala, da tua presença de ânimo e da tua energia. Encarnarás um homem sedutor que seja capaz de reter uma mulher como Rita — terminou o produtor, indicando com o olhar a ruiva que se aproximava, sorridente, para conhecer o seu novo companheiro de trabalho.

— Até terás que dar-me uma bofetada — disse ela, sorrindo com malícia, enquanto lhe estendia a mão. — Procura acertar bem à primeira para não me magoares muito.

«Gilda» elevou à celebridade Rita Hayworth e Glenn Ford. Foi o primeiro grande êxito do actor. O mundo inteiro aplaudiu-o com delirante entusiasmo. Em Hollywood, os comentários choveram em catadupas. «A Hayworth transformou Ford num actor de primeira classe», disseram uns. «A bofetada dele é que deu fama a Rita» — replicavam outros.

★

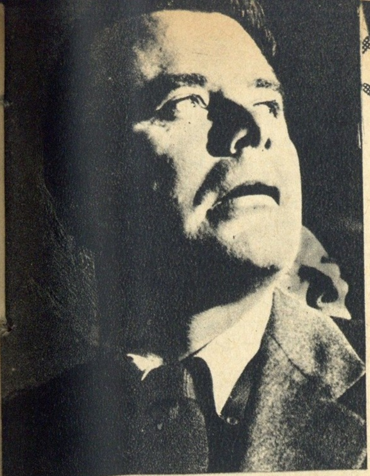
A partir desse momento, tudo foi fácil para Glenn Ford. A crítica norte-americana situou-o entre os principais actores; os caçadores de autógrafos lançaram-se sobre ele. A própria Bette Davis o solicitou para seu companheiro no filme «Uma vida roubada». Seguiu-se uma interminável série de êxitos: «Paula», com Janis Carter; «O homem dos meus amores», com Evelyn Keyes; «O homem do Colorado», com Ellen Drew; «Tio Willie», com Terry Moore. A Columbia voltou a reunir o par mundialmente famoso de «Gilda» em «Os amores de Carmen». Aquele homem sério que chegara anos antes com uma paupérrima bagagem de experiência teatral, ante o qual um produtor exclamara: «Você não é bonito, rapaz», tinha chegado aos pináculos da glória e, em 1946, era escolhido pelas cinéfilas fanáticas da América como o «homem do ano».

Apesar de contar os sucessos por cada filme que interpreta, Glenn continuou a ser o actor duro dos filmes de aventuras; o homem tranquilo que sabe lutar com imperturbável calma, mas que, por vezes, se transforma bruscamente, atirando fora a máscara de sedutor de reacções secas para empregar métodos brutais perante as mulheres que se lhe entregam apaixonadas.

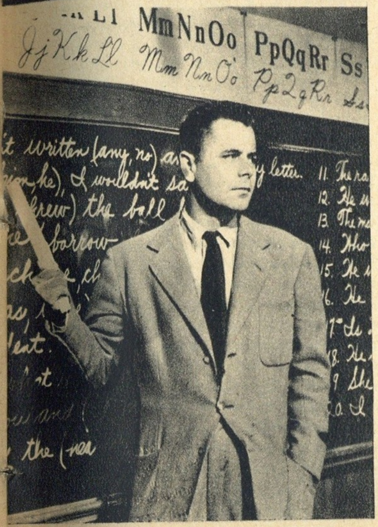
Assim aconteceu em «Relato criminal», com Nina Foch; «A torre branca», com Alida Valli; «Drama no presídio», com Dorothy Malone; «Oiro Maldito», com Ida Lupino; e novamente com Rita Hayworth em «Calypso, a feiticeira».

De filme para filme, Glenn aumenta

3 COROAS DE GLORIA...

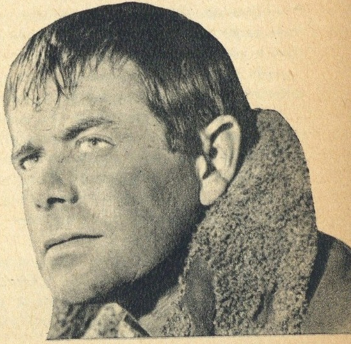


A primeira coroa de glória de Glenn Ford foi, sem dúvida, o seu trabalho em «Corrupção». A figura de sargento da polícia, a quem matam a esposa para se calar, mas que põe o seu dever acima de todas as ameaças, assentou-lhe como uma luva. A virilidade de Glenn tornou-se humana, o que até então poucas vezes acontecera na grande maioria dos seus filmes.



A segunda coroa de glória alcançou-a Glenn com «Sementes de Violência». Há momentos neste filme, com o assalte dos alunos ao professor, que bastariam, por si só, para elevar um actor à galeria dos maiores nomes de cinema.

De todos os papéis de Glenn Ford como vaqueiro do Oeste, o de «Jubal» merece ser considerado, sem sombra de dúvida, como o marco de uma gloriosa ascensão. O amor, o ódio e a vingança, sentimentos que exigem de um actor qualidades natas de expressão, tiveram em Glenn Ford uma interpretação brilhante que jamais esquecerá e que pode ser considerada, sem favor, a sua terceira coroa de glória.



a sua experiência de actor, mas continua a ser o homem que não vive senão para a felicidade do seu lar. Um lar espaçoso em que, ao regressar do trabalho, o esperam sempre os sorrisos de Eleanor e do pequeno Peter.

Por vezes, o trabalho afasta-o para longe do lar. As filmagens de exteriores fora de Hollywood têm-no levado para a América do Sul e para a Europa.

Outras vezes, o trabalho dos estúdios mantêm Glenn infatigàvelmente preso perante as câmaras desde o meio-dia até às duas horas da madrugada.

Uma manhã, Glenn chegou a casa, cansado, com a barba por fazer; acabara de filmar exteriores ao ar livre. No jardim, Peter brincava junto da piscina, assoprando os seus pequenos barcos à vela, que não queriam navegar. Ellie ajudava o pequeno e brincava com ele.

Glenn contempla com emoção a cena durante alguns instantes. Depois, aproxima-se e sopra com força os pequenos barcos, conseguindo pô-los em movimento. O pequeno contempla-o, admirado, sem reconhecer o pai naquele homem fatigado e de barba crescida; instintivamente, refugia-se nos braços da mãe, com as lágrimas quase a rebentarem dos seus olhinhos azuis. O casal contempla-se em silêncio.

— Querido, não podes esconder que foste sargento da Marinha — comenta ela com a voz ligeiramente trémula.

— És tu, papá? — pergunta a criança, enquanto se entrega aos braços do pai.

— Sim, sou eu, e dentro de dez minutos virei ensinar-te a nadar. De acordo?

— Muito bem, papá! Agora vai fazer a barba e vestir o fato de banho. Fiz grandes progressos no «crowl», sabes? — exclama ele, enxugando os olhos com as suas manitas redondas.

A situação foi salva, mas Ellie e o seu esposo não conseguem esquecê-la. Depois de Peter se ter deitado, sentam-se na sala de estar. Por momentos, permanecem calados. Glenn fixa os quadros colocados em duas filas, que representam cenas de cavalos em diferentes saltos e movimentos. Sabem que têm a dizer muitas coisas e temem o princípio. Finalmente, ele decide-se:

— Ellie, os nossos planos de ganhar dinheiro para Peter não vão no bom caminho. Para que serve ganhar dinheiro se chego a casa e o meu próprio filho tem medo de mim e não me reconhece?

— Querido — responde ela, sorrindo — isso é inevitável. Peter é muito criança e tu estás demasiado tempo ausente de nós.

— Não há amor que resista à ausência. Não é isso? — pergunta ele, de mau humor.

— Deves compreendê-lo; ele é uma criança. Para nós, a ausência suscita-nos um desejo vivo de estarmos outra vez juntos. Lembras-te da primeira vez que nos separámos quando te mobilizaram? — pergunta ela, e, após uma pausa, continua: — As tuas cartas eram então melhor que as tuas palavras e confirmaram-me a sinceridade do teu carinho. Sinceramente, tenho até pensado em voltar a dançar para poder estar ao pé de ti, terminando com estas amargas horas de solidão.

— Comigo passa-se o mesmo, Ellie. Sabes que para mim não há outros pensamentos além de Peter, tu e a nossa casa. Não tenho amigos em Hollywood, à excepção de Pat, dois advogados e um médico com quem costumo jogar de quando em quando uma partida de «poker». Agrada-me conhecer gente e conversar com os companheiros, mas não quero tirar partido dessas relações. Tu sabes, melhor do que ninguém, como me desagradam as festas e recepções. Sonho sempre com a hora de chegar a casa e descansar contigo e com o nosso filho.

— Tu e eu, as colecções de discos, de cachimbos, de selos, de lâmpadas... e de uma série de objectos e coisas — emendou ela, rindo com ironia. — Sem esquecer que o teu desporto favorito é o cultivo de tomates.

— Ironizas, mas antes as tuas palavras tinham algo de amargura, ao ponto de ver nos teus olhos algumas lágrimas indiscretas — disse ele, passando os dedos carinhosamente pela face de Ellie. — Temos de tomar uma decisão, não quero que procures consolar-te com os bailados, porque até teria ciúmes da música.

— É verdade que terás de ir ao Brasil? — perguntou ela. — Soube-o pelos jornais.

— É verdade, Ellie. Mas tu e Peter vão comigo. A família deve estar sempre unida. Estou cansado de ouvir atribuírem-me «flirts» com Rita, que nada têm de verdadeiros. Não posso desmenti-los porque a publicidade de «Calypso, a feiticeira», assim mo ordena. E também estou cansado de renunciar às carícias de minha mulher e de meu filho durante duzentos e setenta dias por ano. Trago-os bem contados, querida.

— Peter ficará surpreendido quando souber que não és um «cow-boy» de verdade; desde o dia em que te viu chegar a casa dessa maneira, quando filmavas «O Americano», está plenamente convencido de que és um homem das pradarias.

— Terá que dar entrada a novas ideias no seu pequeno mundo.

— Querido, não quero que voltem a circular boatos sobre o nosso divórcio.

— Ellie, as razões do nosso casamento são demasiado profundas para resistirem a todas as crises passageiras, como esta que acabamos de eliminar. Vamos procurar um trabalho que te distraia, e de hoje em diante levar-te-ei, assim como a Peter, para onde quer que me mandem filmar.

ENCARANDO O FUTURO COM CONFIANÇA

Hoje, Eleanor Powell é uma «estrela» da televisão americana, num programa que agrupa à sua volta vinte e cinco crianças, às quais fala de Deus, contando-lhes histórias enternecedoras que chegam a todos os lares do seu imenso país.

Glenn continua a ser o mais infatigével «astro» de Hollywood. Em 1954, assinou um novo contrato, desta vez com a Metro, para actuar em doze filmes, com os quais encetou uma nova etapa na sua vida artística. «O actor que mais mulheres esbofeteava», como os jornais não se cansavam de repetir, mudou radicalmente de personagens. «Sementes de Violência» assinalou essa viragem importante, proporcionando-lhe o inesquecível papel do jovem professor que mobiliza todas as suas forças, contra a delinquência juvenil, o mais angustioso problema da actualidade na América.

Enquanto acaricia ternamente Peter, ele explica a sua esposa a razão do seu sucesso em «Sementes da Violência»:

— Pus no meu papel todo o calor do meu coração, porque tu me ensinaste a conhecer esses rapazes com quem conversas na televisão, e porque também tenho um filho.

Recentemente, ao ser festejada a data do décimo quarto aniversário do casamento (23 de Outubro), Eleanor Powell e Glenn Ford confessaram-se um dos casais mais felizes e sólidos da cidade do cinema.

— Gostamos tão apaixonadamente um do outro — disse Ellie — que até parecemos recém-casados.

— Nunca fui tão feliz como agora — concordou Glenn.

FIM

A VERDADE PELA IMAGEM

GLENN FORD
não é
UM HOMEM TACITURNO

Lembram-se da «Melodia Interrompida»? Não, esta imagem não pertence ao filme. Trata-se de um momento dos ensaios de Eleanor Parker destinados a sincronizar os seus movimentos labiais com a voz da verdadeira cantora que se ouvia no filme. Glenn Ford procura ajudar o esforço da sua colega, sob os olhares sorridentes de dois directores musicais.



EM BAIXO:

Durante as filmagens de «Mensagem dos Renegados», o trio Glenn Ford, Edmond O'Brien e Rhonda Fleming construiu uma amizade sincera e sólida, que o tempo ainda não apagou. Estes três sorrisos dispensam comentários sobre a famosa taciturnidade atribuída ao actor canadense.





EM CIMA:

A actriz japonesa Machiko Koo preferiu a alegria comunicativa de Glenn Ford à personalidade enfatuada de Marlon Brando, como no-lo prova esta imagem colhida num intervalo de «A Casa de Chá do Luar de Agosto».

A DIREITA:

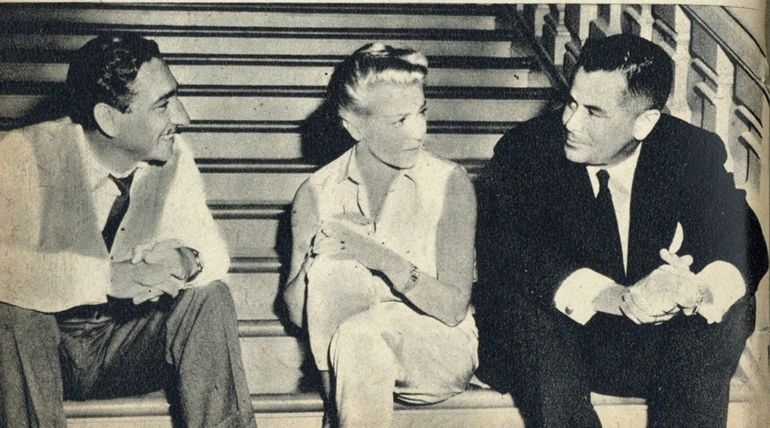
O pequeno Bob Clark, que actuou com Glenn Ford em «O Resgate», tem um talento precoce que se adapta fàcilmente aos mais diferentes misteres. Os dois tornaram-se excelentes camaradas e resolveram brincar aos serralheiros...





Ao contrário do que se supõe, as filmagens nos estúdios começam manhã cedo, e, muitas vezes, os artistas não têm tempo sequer para tomar o pequeno almoço em casa. Durante a rodagem de «O Resgate», Glenn Ford, sempre gentil e atencioso, não se negou a preparar o pequeno almoço de Donna Reed...

De vez em quando, Glenn gosta de dar uma espladela sobre o que se passa nos outros «sets». Ei-lo a conversar, sentado na escada de um cenário, com a loira Lana Turner e o realizador David Miller, a propósito de casos anedóticos do seu reportório. O fotógrafo não foi oportuno, porque Lana parece mais interessada nos olhos bonitos de Glenn...



Esta aconteceu durante as filmagens de «A vida e a morte». Jeanne Crain e Glenn Ford encontravam-se a conversar quando o estreante Russ Tamblyn decidiu contar-lhes a última anedota do dia... Embora Jeanne Crain seja, a todos os títulos, mais interessante que uma boa piada, Glenn não exteriorizou o seu desagrado...



Dorothy Mc Guire, a «vedeta» de «Sublime Tentação», gosta de receber os conselhos de Glenn Ford sobre a maneira de decorar o lar... Ei-los apreciando a revista «Home»...

Glenn Ford serviu de guia a Katy Jurado nos estúdios da Metro quando da realização de «A fúria dos Justos». Ambos mostraram-se mùtuamente encantados com o passeio. A mexicana, porém, parece demasiado preocupada em dar-lhe o braço.





UM DEPOIMENTO DE GLENN FORD

Na arte de representar, mais do que qualquer outra, não há lugar para improvisações.

A profissão de artista de cinema pode ser a que maiores compensações nos proporciona, mas também nos causa muitas desilusões... Para se vencer, não basta desejar e sonhar. Só por esses caminhos, ninguém conseguiu ainda escalar o cume da fama. Acima de tudo, é preciso trabalhar àrduamente.

Não concordo em que qualquer pessoa possa ou deva converter-se em actor cinematográfico, sem que tenha nascido para isso.

Claro que há muitos bons actores característicos, mas empenharam-se nisso porfiadamente durante anos. Na minha opinião, só se deve admitir que uma pessoa tenha grandes aspirações quando está segura de ter escolhido o seu verdadeiro campo...

Quando ele era obrigado a fazer caretas...

Antes da sua consagração como actor de grande classe, Glenn Ford actuou em filmes de reduzido interesse e aceitou toda a sorte de papéis. Um género assentava-lhe como uma luva: o de valentão generoso.

De resto, em Hollywood era frequente os artistas de maior popularidade especializarem-se pelos seus papéis e pelo seu jeito característico de representar. Glenn durante certo tempo seguiu essa escola, para obter o agrado das plateias.

Duas expressões costumavam defini-lo junto do público feminino: a primeira, o jeito de unir os lábios, quase a fazer «beicinho», era utilizado especialmente para as cenas comoventes; a segunda, a maneira de contrair a boca, acompanhada de olhares profundos, visava sugerir a violência da cena seguinte.

Uma vez, quando passava num cinema de Lisboa um filme de Glenn Ford, aproximava-se uma cena de pancadaria violenta. Então, um espectador gritou com o habitual desassombro dos alfacinhas:

— Eh pá, faz a careta!...

A que está sujeito um actor sòmente porque o público paga bilhete...

N. 10

PREÇO 2$00







FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA — LISBOA